

**A INDÚSTRIA DO LAZER NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM O
DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL¹**

Luiz Carlos de Santana Ribeiro

Doutorando em Economia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/CEDEPLAR)
E-mail: ribeiro.luiz84@gmail.com

Mariana Medeiros Pereira Leite Pedrosa Nahas

Mestranda em Economia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/CEDEPLAR)
E-mail: m.nahas0901@gmail.com

Pedro V. Amaral

Doutor em Economia pela University of Cambridge
Professor na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/CEDEPLAR)
E-mail: pedrovma@cedeplar.ufmg.br

Rodrigo Ferreira Simões

Doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Professor Associado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/CEDEPLAR)
E-mail: limoes@cedeplar.ufmg.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é verificar a distribuição espacial da indústria do lazer no Brasil e investigar a associação entre nível de atividade dessa indústria e o nível de desenvolvimento municipal. Para tanto, são utilizados métodos multivariados como Análise de Componentes Principais e Métodos de Clusters. São Paulo e Rio de Janeiro apresentaram a mais especializada indústria de lazer do país e constituem o *cluster* mais importante. Um segundo agrupamento é constituído pela maioria das capitais estaduais e por municípios com grande apelo turístico. Por outro lado, em 80% dos municípios brasileiros essa indústria é incipiente ou inexistente. Observou-se também uma correlação entre nível de desenvolvimento e de atividade no setor de lazer. Tendo em vista que essas atividades são consideradas importantes amenidades urbanas e forças de atração de população, mão-de-obra e renda, esse estudo pode subsidiar a condução de políticas públicas para fomento do setor visando um crescimento ordenado e menos heterogêneo, de modo a não reforçar as disparidades regionais já tão marcantes no país.

Palavras-Chave: Indústria do lazer; Desenvolvimento multidimensional; Municípios brasileiros.

Classificação JEL: C38.

ABSTRACT: The objective of this paper is to evaluate the spatial distribution of the leisure industry in Brazil and to investigate the association between that industry activity level and the level of municipal development. In order to do so, multivariate methods are used such as Principal Component Analysis and Cluster Methods. São Paulo and Rio de Janeiro present the most specialized leisure industry of the country and are the most important cluster of the sector. A second group consists of most state capitals and other cities with great tourist appeal. On the other hand, in 80% of Brazilian municipalities the leisure industry is insipient or nonexistent. Results also indicate correlation between level of development and activity in the leisure sector. Given that these activities are considered important urban amenities and attraction forces for population, labor and income, this study can support the formulation of public policies for industry development aimed at an orderly and less heterogeneous growth, in order to counteract regional disparities so marked in the country.

Keywords: Leisure Industry; multidimensional development; Brazilian municipalities.

JEL Code: C38.

¹ Os autores agradecem à professora Ana Flávia Machado pelos comentários e sugestões, os quais contribuíram diretamente para a elaboração deste estudo. Todavia, o texto é de inteira responsabilidade dos autores.

1. Introdução

Muito se discorre nos estudos de economia do trabalho sobre a alocação individual de tempo entre trabalho e lazer. Todavia, pouca atenção é dada na literatura para a necessidade de infraestrutura de lazer para a realização dessas atividades. O acesso a equipamentos urbanos de lazer é um fator importante nas decisões individuais sobre onde residir, sendo, portanto, fator visto estrategicamente como uma alavanca ao desenvolvimento demográfico e econômico local (LORENTZEN, 2013).

Em linhas gerais, as atividades econômicas da indústria de lazer são compostas por setores turísticos, como o transporte rodoviário de passageiros, alojamento e agências de viagens, por setores ligados a atividades artísticas, criativas e culturais, e por atividades esportivas, de recreação e lazer. Portanto, o chamado complexo do lazer engloba determinados segmentos da Indústria Criativa (HOWKINS, 2002) acrescidos de setores da economia como turismo, esportes, festivais e atividades de lazer que fazem parte do atual consumo hedônico da população (FLEW e CUNNINGHAM, 2010).

A Indústria do Lazer no Brasil tem sido foco de alguns trabalhos na literatura, mesmo que de forma indireta, motivados pelos grandes eventos esportivos. Domingues *et al.* (2011) estimaram os impactos econômicos da Copa do Mundo de 2014 a partir dos investimentos em infraestrutura e estádios. Os resultados apontaram um crescimento médio de 1,2% do PIB das cidades-sede e geração de aproximadamente 158 mil empregos. Haddad e Haddad (2010) estimaram os impactos socioeconômicos das Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro e informaram que os investimentos terão potencial para reestruturar toda a região metropolitana fluminense. Estudos similares, embora com diferentes abordagens metodológicas, foram realizados para as Olimpíadas de Atlanta (BARCLAY, 2009), para a Copa do Mundo da Alemanha (BRENKE e WAGNER, 2006) e para a Copa do Mundo da África do Sul (SWINNEN e VANDEMOORTELE, 2008).

A distribuição espacial da indústria do lazer, por outro lado, não tem sido investigada na literatura, principalmente no Brasil. Assim como as indústrias criativa e cultural não são distribuídas de maneira homogênea no território (SCOTT, 2005; COOKE e LAZZERETTI, 2008; LAZZERETTI *et al.*, 2008; MACHADO *et al.*, 2013), espera-se que a indústria do lazer também se apresente concentrada no espaço, formando *clusters* geográficos (LORENZEN e FREDERIKSEN, 2008).

O interesse internacional por estudos sobre padrões de localização espacial das indústrias do lazer e seu papel no desenvolvimento local e regional tem se ampliado recentemente (DE PROPRIS *et al.*, 2009). No Brasil, principalmente devido ao aumento do poder aquisitivo promovido pela intensificação das políticas de transferência de renda desde 2004, com o programa Bolsa Família, e políticas de fomento ao acesso à cultura, como o programa vale cultura e benefícios como “meia-entrada” para idosos, jovens de baixa renda e estudantes, é de se esperar um aumento da demanda por serviços de lazer. É, portanto, fundamental o desenvolvimento de estudos que investiguem a organização regional dessas atividades no Brasil. Estudos dessa natureza podem subsidiar a condução de políticas públicas para fomento do setor visando um crescimento ordenado e menos heterogêneo, de modo a não reforçar as disparidades regionais já tão marcantes no país.

Para contribuir com o preenchimento desta lacuna na literatura nacional, o objetivo deste artigo é verificar a distribuição espacial da indústria do lazer no Brasil e investigar sua relação com o nível de desenvolvimento municipal. Busca-se assim não apenas identificar os principais centros dessa indústria como também avaliar se esses municípios são os municípios brasileiros mais desenvolvidos.

Este trabalho fundamenta-se na utilização de microdados do Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dados de despesas municipais das Finanças do Brasil (FINBRA) do Tesouro Nacional para a construção da base de dados e, principalmente, para a criação de um indicador de desenvolvimento municipal e sua associação com a indústria do lazer. Para cumprir este objetivo, são utilizadas conjuntamente técnicas de estatística multivariada como a Análise de Componentes Principais (ACP) e a Análise de Cluster (AC).

O restante desse trabalho está dividido da seguinte forma. A próxima seção descreve as metodologias que serão utilizadas ao longo do artigo. A terceira seção apresenta a base de dados e o tratamento das variáveis. A quarta seção discute os principais resultados encontrados.

2. Metodologia

2.1. Análise de Componentes Principais

Como um dos objetivos desse trabalho é investigar a relação entre indústria do lazer e nível de desenvolvimento, considerado aqui de modo multidimensional, se faz necessária a criação de um índice de desenvolvimento baseado em múltiplas dimensões como renda, saúde, educação, infraestrutura e social. Para tanto, utilizamos a análise de componentes principais (ACP). A ACP tem por objetivo explicar a estrutura de variância e covariância de um vetor aleatório constituído de p variáveis aleatórias, por meio de combinações lineares das variáveis originais (MINGOTI, 2005). Em outras palavras, a ideia é reduzir a quantidade de variáveis em k componentes principais, de forma que $k < p$, que expliquem a maior variância possível da amostra selecionada, ou seja, esses componentes permitem reduzir e classificar os dados mantendo a maior parte das informações. Formalmente, as combinações lineares são expressas pela equação 1.

$$Y_i = a'_i X = a_{i1}X_1 + a_{i2}X_2 + \dots + a_{ip}X_p, \quad i = 1, 2, \dots, p \quad (1)$$

Essas combinações são ortogonais, isto é, não são correlacionadas entre si. Assim, o segundo componente, por exemplo, contempla parte da variabilidade que não foi captada pelo primeiro componente e isto se repete até o último componente, o qual apresentará uma variância explicada acumulada de 100%. A variância e covariância são representadas pelas equações 2 e 3, respectivamente.

$$\text{Var}(Y_i) = a'_i \sum_{p \times p} a_i \quad (2)$$

$$\text{Cov}(Y_i, Y_j) = a'_i \sum_{p \times p} a_j = 0, \quad i \neq j; \quad i, j = 1, 2, \dots, p \quad (3)$$

em que $\sum_{p \times p}$ é uma matriz de covariância ou correlação.

O primeiro componente principal é aquele que possui a maior variância de tal forma que $\text{Var}(Y_1) > \text{Var}(Y_2) > \dots > \text{Var}(Y_p)$. Para evitar que a variância aumente a partir da multiplicação da combinação linear por um escalar, ela é padronizada de modo que $a_i' a_i = 1$.

De forma resumida, Manly (1994) lista quatro etapas para a aplicação do método de componentes principais: 1) Padronizam-se as variáveis originais (X_1, X_2, \dots, X_k); 2) Calcula-se a matriz de correlação²; 3) Calculam-se os autovalores ($\lambda_1, \lambda_2, \dots, \lambda_k$) e autovetores (e_1, e_2, \dots, e_k) desta matriz e; 4) Seleciona-se o número de componentes que se julgar adequado para a análise em questão.

Com o uso da ACP espera-se explicar uma significativa proporção da variância total das múltiplas variáveis de desenvolvimento em apenas 1 componente, que representará um indicador de desenvolvimento multidimensional.

2.2. Análise de Cluster

Além de calcular um indicador de desenvolvimento multidimensional, é necessário algum indicador de nível de intensidade da indústria de lazer nos municípios brasileiros. Para tanto, buscamos classificar e agrupar os municípios segundo diversos indicadores sobre o setor. A análise de *cluster* permite reunir observações ou variáveis em grupos homogêneos. A ideia é segmentar as observações em grupos com características similares entre si e diferentes entre os demais (HAIR *et al.* 2005; MINGOTI, 2005).

² Vale salientar que uma vez padronizadas as variáveis, não há diferença entre uso de matriz de covariância ou correlação.

Tendo em vista que a análise de *cluster* visa agrupar objetos semelhantes, é necessária a utilização de alguma medida de similaridade entre eles. Dessa forma, objetos mais próximos entre si são mais semelhantes e, portanto, farão parte do mesmo agrupamento. Segundo Hair *et al.* (2005), as medidas de distância são mais frequentemente usadas na literatura. Este trabalho utilizou a Distância Quadrática Euclidiana. Em linhas gerais, este procedimento realiza a aproximação da seguinte forma: a distância entre duas observações (*i* e *j*) corresponde à soma dos quadrados das diferenças entre *i* e *j* para todas as *p* variáveis, conforme indica a equação 4.

$$d_{ij}^2 = \sum_{k=1}^p (x_{ik} - x_{jk})^2 \quad (4)$$

em que: x_{ik} significa o valor da variável *k* referente a observação *i*; e x_{jk} representa o valor da variável *k* para a observação *j*.

Esta técnica é sensível às escalas e, por isso, as variáveis foram padronizadas de acordo com a equação 5.

$$Z = \frac{(x - \text{média})}{\text{desvio padrão}} \quad (5)$$

Para definição dos agrupamentos foi adotado um procedimento de partição não-hierárquico, que é um processo dinâmico e interativo visando identificar a melhor solução (FÁVERO *et al.*, 2009). Dos métodos não hierárquicos, o *K-Means* é o mais utilizado na literatura (MINGOTI, 2005). Gouvêa e La Plata (2006) argumentam que este método consegue minimizar a variância interna aos grupos ao passo que maximiza a variância entre os grupos.

Assim, a partir da definição e agrupamentos distintos de municípios segundo as características de sua indústria de lazer, é possível analisar as características médias dos municípios compõem cada *cluster*, bem como relacionar essas características ao nível de desenvolvimento multidimensional.

3. Base de dados e tratamento das variáveis

Antes de informar as variáveis utilizadas e sua respectiva fonte de dados, apresenta-se a classificação setorial utilizada para a indústria do lazer. As atividades que constituem esta indústria, consideradas neste artigo, são listadas na Tabela 1. Em linhas gerais, tem-se setores que representam as atividades turísticas³ como o transporte rodoviário de passageiros, alojamento e agências de viagens; setores ligados às atividades artísticas, criativas e culturais; atividades esportivas, de recreação e lazer.

Uma vez especificados os setores que constituem a indústria do lazer, a Tabela 2 apresenta as quinze variáveis utilizadas para a análise de componentes principais. Como já apresentado, objetivo do uso da análise de componentes principais é criar um indicador multidimensional de desenvolvimento para investigar a relação entre desenvolvimento municipal e nível de atividade da indústria do lazer na economia. O indicador proposto busca ir além do conceito de desenvolvimento baseado exclusivamente em renda e considera cinco dimensões distintas, quais sejam: econômica, educação, saúde, social e infraestrutura urbana. A fonte dos dados é o Censo Demográfico de 2010 do IBGE. O objetivo é reunir essas variáveis em um componente e, a partir dele, criar um índice de desenvolvimento referente ao ano de 2010 para os 5.565 municípios brasileiros.

³ Para as atividades turísticas, optou-se em não considerar os demais serviços de transporte de passageiros (aéreo, ferroviário, metroviário e aquaviário), pois na classificação (CNAE 2.0) do Censo Demográfico os mesmos estão agregados com seus respectivos transportes de carga. Os serviços de alimentação também não foram considerados no intuito de se evitar a superestimação em relação aos residentes que se alimentam fora do lar.

Tabela 1 - Setores que constituem a indústria do lazer

CNAE	Setores de Atividade
49	Transporte terrestre
49030	Transporte rodoviário de passageiros
55	Alojamento
55000	Alojamento
79	Agências de viagens, operadores turísticos e serviços de reservas
79000	Agências de viagens, operadores turísticos e serviços de reservas
90	Atividades artísticas, criativas e de espetáculos
90000	Atividades artísticas, criativas e de espetáculos
91	Atividades ligadas ao patrimônio histórico cultural e ambiental
91000	Atividades ligadas ao patrimônio histórico cultural e ambiental
92	Atividades de exploração de jogos de azar e apostas
92000	Atividades de exploração de jogos de azar e apostas
93	Atividades esportivas e de recreação e lazer
93011	Atividades esportivas e de recreação e lazer
93012	Atividades de condicionamento físico
93020	Atividades de recreação e lazer

Fonte: Elaboração própria a partir de informações do Censo Demográfico de 2010.

Tabela 2 - Variáveis utilizadas na análise de componentes principais

Dimensão	Sigla	Variáveis
Econômica	RDPC	Renda per capita
	PIBpc	Produto Interno Bruto per capita
	T_ATIV	Taxa de atividade das pessoas de 10 anos ou mais de idade
Educação	E_ANOSESTUDO	Expectativa de anos de estudo aos 18 anos de idade
	T_ANALF25M	Taxa de analfabetismo da população de 25 anos ou mais de idade
	T_MED25M	Percentual da população de 25 anos ou mais com ensino médio completo
Saúde	MORT1	Mortalidade até um ano de idade
	ESPVIDA	Esperança de vida ao nascer
	T_ENV	Taxa de envelhecimento
Social	GINI	Índice de Gini
	PIND	% Extremamente pobres
	IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
Infraestrutura urbana	T_LIXO	% da população em domicílios com coleta de lixo
	T_LUZ	% da população em domicílios com energia elétrica
	AGUA_ESGOTO	% de pessoas em domicílios com abastecimento de água e esgotamento sanitário inadequados

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 3 revela as variáveis utilizadas para a análise de *cluster*, que objetiva classificar os municípios brasileiros segundo seu nível de atividade e relevância na indústria de lazer. Essas variáveis incluem quociente locacional, índice de diversidade setorial, índice de Hirschman-Herfindahl modificado, participação relativa no total de trabalhadores e rendimento médio dos mesmos na indústria do lazer, e foram calculadas a partir de dados de ocupação do Censo Demográfico de 2010. Utilizou-se também os dados do FINBRA referentes às despesas municipais per capita, no ano de 2010, destinadas à cultura, esporte e lazer e turismo.

Tabela 3 - Variáveis utilizada na Análise de Cluster

Sigla	Variáveis	Fonte
QL	Quociente locacional da indústria do lazer	Censo 2010
IDS	Índice de diversidade setorial da indústria do lazer	Censo 2010
HH	Índice Hirschman-Herfindahl modificado da indústria do lazer	Censo 2010
PR	Participação relativa da indústria do lazer	Censo 2010
REND	Rendimento médio dos trabalhadores da indústria do lazer	Censo 2010
DR	Diferencial médio de rendimento entre os trabalhadores da indústria do lazer e o rendimento médio total	Censo 2010
DCULT	Despesas per capita em cultura	FINBRA 2010
DESPL	Despesas per capita em esporte e lazer	FINBRA 2010
DTUR	Despesas per capita em turismo	FINBRA 2010

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Censo de 2010 do IBGE e da FINBRA-2010 do Tesouro Nacional.

O Quociente Locacional (QL) é utilizado como *proxy* para externalidade de especialização (COMBES, 2000; FOCHEZATTO, 2010 e FREITAS, 2012). Vale salientar que este índice tem sido utilizado para mapear indústrias criativa tradicionais e indústrias culturais na Itália, Espanha e Reino Unido (PRATT, 1997; BASSET *et al.*, 2002; GARCIA *et al.*, 2003; LAZERRETTI *et al.*, 2008; DE PROPRIIS *et al.*, 2009). De acordo com Haddad (1989), o QL pode ser expresso formalmente como:

$$QL_{ij} = \frac{E_{ij}/E_{i.}}{E_{.j}/E_{..}} \quad (7)$$

em que: E_{ij} é o número de empregados no setor i da região j ; $E_{i.}$ é o número de empregados no setor i da região de referência; $E_{.j}$ é o número de empregados na região j e $E_{..}$ é o número de empregados na região de referência. O índice Hirschman-Herfindahl modificado, segundo Crocco *et al.* (2006), é representado por meio da equação 8.

$$HHm_{i,j} = \frac{emp_{i,j}}{emp_i} - \frac{emp_j}{emp} \quad (8)$$

em que $emp_{i,j}$ = emprego no setor i do município j no período t ; emp_i = emprego no setor i no Brasil no período t ; emp_j = emprego no município j no período t ; emp = emprego no Brasil no período t .

O Indicador de Diversidade Setorial (IDS) é uma variante do índice de concentração setorial de Hirschman-Herfindahl e reflete não a concentração, mas a diversidade setorial de uma região, podendo ser tomado como *proxy* da presença de externalidade do tipo Jacobs. Formalmente, tem-se que:

$$IDS = \frac{1/\sum_{s'=1}^S |emp_{z,s'}/emp_z - emp_{z,s}|^2}{1/\sum_{s''=1}^S |emp_{s''}/emp - emp_s|^2} \quad (9)$$

em que S é o número total de setores; $emp_{z,s}$ é o emprego do setor s na região z ; $emp_{z,s'}$ é o do emprego em todos os setores na região z , exceto o setor em questão; emp_z representa o emprego total

na região z ; emp_s é o emprego total no setor s , na economia de referência; e emp é o emprego total na economia de referência.

A partir dos resultados dos índices QL e IDS pode-se discutir externalidades de especialização e de diversificação e possíveis efeitos de transbordamento tecnológico da indústria do lazer entre os municípios brasileiros (HENDERSON *et al.* 1995, COMBES, 2000; FREITAS, 2012).

De acordo com a literatura de economia regional, a aplicação do QL para regiões pequenas tende a sobrevalorizar ou subvalorizar o peso de determinados setores (CROCCO *et al.*, 2006). Desse modo, esses autores criaram o índice de concentração a partir da utilização do QL, do Hirschman-Herfindahl modificado e da participação relativa. Logo, ao utilizarmos essas variáveis em conjunto visamos corrigir eventuais distorções provocadas pela utilização somente do QL.

4. Resultados e discussões

O método de componentes principais, como já dito anteriormente, foi utilizado para a criação de um índice de desenvolvimento para os 5.565 municípios brasileiros em 2010. Como apresentado na Tabela 4, o primeiro componente explicou aproximadamente 55% da variância total. Ou seja, a estrutura de correlação das 15 variáveis selecionadas relativas a desenvolvimento permite combiná-las em apenas 1 indicador de desenvolvimento que representa 55% da variância original dos dados.

Tabela 4 - Resultado da Análise de Componentes Principais

Componente	Autovalor	Diferença	Proporção	Acumulada
1	8,233	6,646	0,549	0,549
2	1,588	0,742	0,106	0,655
3	0,846	0,033	0,056	0,711
4	0,813	0,105	0,054	0,765
5	0,708	0,063	0,047	0,813
6	0,645	0,130	0,043	0,856
7	0,515	0,053	0,034	0,890
8	0,462	0,068	0,031	0,921
9	0,395	0,023	0,026	0,947
10	0,371	0,211	0,025	0,972
11	0,160	0,045	0,011	0,982
12	0,115	0,018	0,008	0,990
13	0,097	0,067	0,007	0,997
14	0,030	0,007	0,002	0,999
15	0,022	.	0,002	1,000

Fonte: Elaboração própria a partir do software Stata 12.

A Tabela 5, por sua vez, indica o peso que cada uma das quinze variáveis apresentaram no primeiro componente. Percebe-se que seis variáveis tiveram o peso acima de 0.30, quais sejam: IDH-M⁴ (0,336), percentual de extremamente pobres (-0,322), taxa de analfabetismo (-0,313), renda per capita (0,309), esperança de vida ao nascer (0,306) e mortalidade infantil (-0,303). As variáveis com menores pesos foram o PIB per capita (0,170) e a taxa de envelhecimento (0,112). Todas as variáveis apresentaram os sinais esperados, indicando que quanto maior o valor do Componente 1, que denominamos Índice de Desenvolvimento Multidimensional, maior é o nível de desenvolvimento no município.

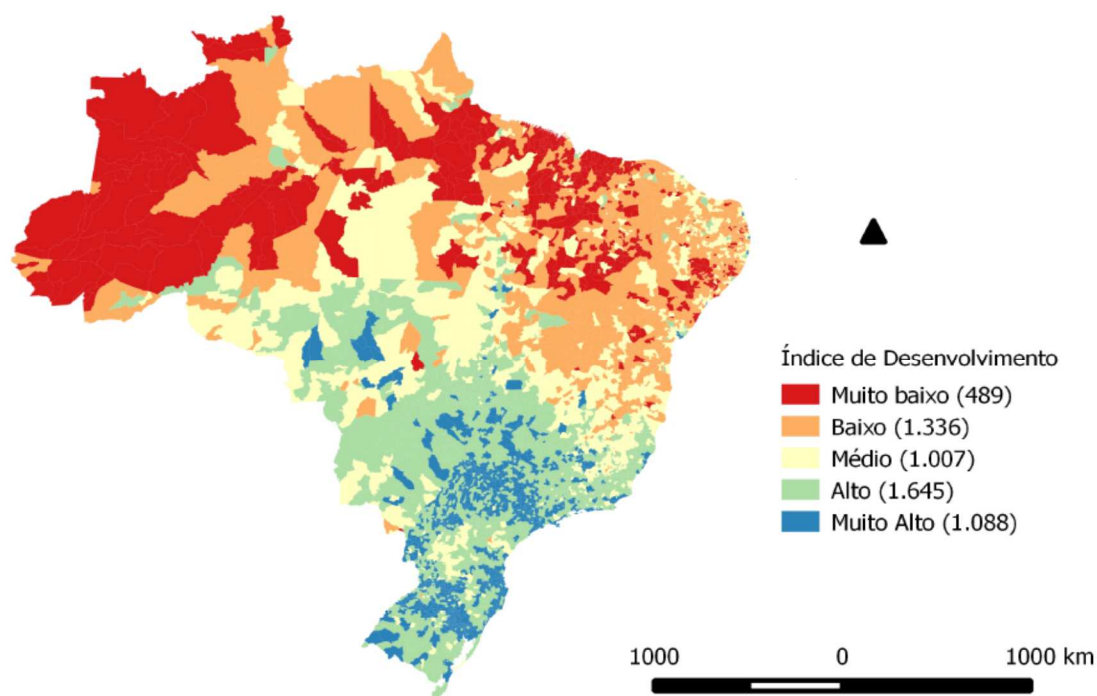
⁴ O maior peso do IDH-M na composição do Índice de Desenvolvimento Multidimensional já era esperado devido à sua forte correlação com as variáveis das dimensões de renda, saúde e educação, haja vista que o IDH-M é composto por parte das variáveis aqui adotadas.

Tabela 5 - Peso das variáveis no primeiro componente

Variável	Comp1
IDH-M	0,336
Renda per capita	0,309
Esperança de vida ao nascer	0,306
Taxa de atividade das pessoas de 10 anos ou mais de idade	0,279
Percentual da população de 25 anos ou mais com ensino médio completo	0,237
Anos de Estudo	0,224
% da população em domicílios com coleta de lixo	0,197
% da população em domicílios com energia elétrica	0,192
PIB per capita	0,17
Taxa de envelhecimento	0,112
GINI	-0,19
% de pessoas em domicílios com abastecimento de água e esgotamento sanitário inadequados	-0,26
Mortalidade infantil	-0,303
Taxa de analfabetismo da população de 25 anos ou mais de idade	-0,313
% Extremamente pobres	-0,322

Fonte: Elaboração própria a partir do software Stata 12.

Feito isso, o índice de desenvolvimento multidimensional foi criado a partir do *score* gerado do primeiro componente. Os valores do índice foram classificados em 5 categorias, desde o muito alto até o muito baixo, a partir do método da quebra natural de Jenks (1967)⁵. O nível de desenvolvimento dos 5.565 municípios brasileiros pode ser visto na Figura 1.

Figura 1 - Índice de Desenvolvimento Municipal - 2010

Fonte: Elaboração própria a partir do software QGIS.

⁵ O objetivo do método da quebra natural é definir intervalos de maneira a minimizar a variância dentro de cada categoria criada. Para mais sobre o método, ver Jenks (1967).

Apesar de 2.733 (49%) municípios brasileiros apresentarem o índice de desenvolvimento classificado como "alto" ou "muito alto", percebe-se claramente por meio da Figura 1, que os mesmos estão concentrados nas regiões Sul e Sudeste do país. No sentido oposto, 1.825 (32%) municípios apresentaram o índice classificado com "muito baixo" ou "baixo", cuja concentração espacial é predominantemente no Norte e Nordeste do Brasil. O Centro-Oeste apresenta, em sua maioria, municípios com índice "médio" e "alto".

Os poucos municípios localizados no Norte e Nordeste que foram classificados com um indicador de desenvolvimento "alto" ou "muito alto", em sua maioria, foram as capitais estaduais ou cidades pertencentes às suas respectivas regiões metropolitanas.

A Tabela 5 mostra a média e desvio padrão das variáveis utilizadas segundo cada um dos cinco *clusters* obtidos pelo método de partição *k-means*, bem como o número de observações de cada grupo. É importante salientar que os *clusters* foram hierarquizados em ordem de importância. Por sua vez, a Figura 3 indica a distribuição espacial desses conglomerados no Brasil.

Tabela 5 - Resultados da estimação dos clusters

Cluster		DCULT	DLAZ	DTUR	REND	DR	QL	PR	HH	IDS
C.1	Média	22,81	14,20	2,29	1.746,50	-276,50	1,52	,0716	,0225	1,12
(2)	DP	8,81	12,76	3,24	70,00	20,51	,29	,01838	,00311	,02
C.2	Média	18,61	15,22	7,66	1.023,03	62,54	1,40	,0008	,0002	1,12
(672)	DP	21,70	18,07	34,41	332,60	260,94	,66	,00195	,00049	,04
C.3	Média	71,59	98,09	6,67	1.048,13	207,00	,50	,0000	,0000	1,19
(401)	DP	70,46	75,05	21,61	524,68	441,72	,29	,00012	,00003	,02
C.4	Média	20,43	30,79	8,41	5.327,26	4.474,68	,32	,0000	,0000	1,20
(34)	DP	22,03	54,67	20,86	2.094,15	2.048,11	,25	,00007	,00004	,02
C.5	Média	17,01	14,71	5,55	914,68	239,31	,50	,0001	,0000	1,19
(4.456)	DP	17,63	16,68	23,03	418,74	342,37	,23	,00016	,00005	,02
Total	Média	21,16	20,88	5,90	964,64	241,33	,61	,0002	,0000	1,18
(5.565)	DP	29,38	33,90	24,58	564,78	504,51	,43	,00156	,00047	,03

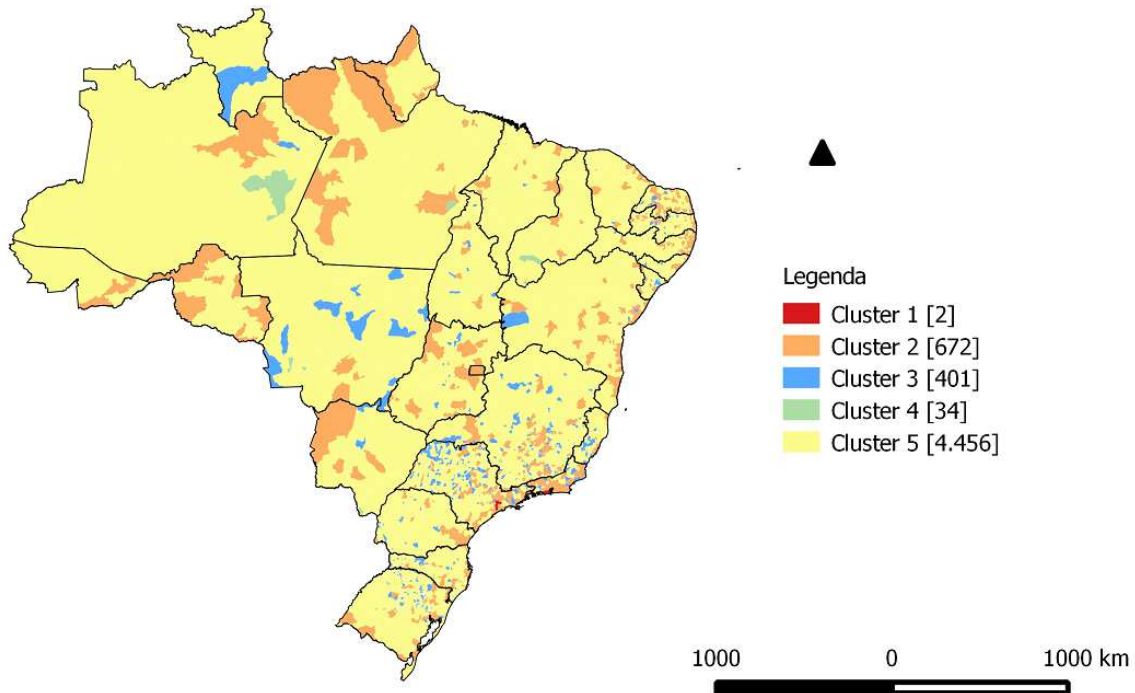
Fonte: Elaboração própria a partir do software SPSS.

O *cluster* 1 é formado pelas duas maiores cidades do país, São Paulo e Rio de Janeiro. É neste agrupamento onde a Indústria do Lazer é mais concentrada (QL = 1,52, HH = 0,0225 e PR=0.0716). Esse setor é também diversificado em relação à economia brasileira, pois o IDS (1,12) é maior do que a unidade. A combinação da concentração e diversificação produtiva de um setor de atividade permite a criação de economias externas dinâmicas intra e intersetoriais proporcionando o fenômeno da "fertilização cruzada" tanto dentro do próprio setor como entre setores de atividade, como descrito por Jacobs (1969). Por se tratarem de atividades que se originam na criatividade individual, habilidades, talentos e que tenham a potencialidade de gerar riqueza e criação de empregos pela exploração da propriedade intelectual, as contribuições para o desenvolvimento regional são amplas. Estudos recentes destacam as contribuições da Indústria Cultural e Criativa para o empreendedorismo local, vantagens comparativas e diferenciais regionais (LORENTZEN, 2013; LAZZERETTI, 2013). Tal argumento é coerente com a conformação do *cluster* 1, uma vez que este possui os principais produtos do país.

O *cluster* 1 representa ainda o segundo maior rendimento médio (R\$ 1.746,50) do complexo do lazer no país, ficando atrás somente do *cluster* 4. Junto com as cidades do conglomerado 3, São Paulo e Rio de Janeiro, foram os municípios que dispenderam maiores recursos per capita em cultura (R\$ 22,81) no ano de 2010. A indústria do lazer neste conglomerado é bastante ampla, englobando

desde serviços complexos e de luxo, turismo de negócios (hotéis de luxo) e serviços mais simples (*hostels*). O tamanho e a heterogeneidade dessa indústria presente nessas duas metrópoles refletiram em um rendimento médio menor do que a do *cluster 4*, bem como em um diferencial de renda negativo (-276,50). Este resultado também pode ser justificado pela presença de outros importantes segmentos econômicos nas estruturas produtiva paulistana e carioca. Este *cluster*, constituído por São Paulo e Rio de Janeiro, também foi obtido por Machado *et al.* (2013) para a indústria criativa.

Figura 3 - Clusters da Indústria do Lazer no Brasil



Fonte: Elaboração própria a partir do software QGIS.

O *cluster 2* é constituído por 672 municípios que apresentam concentração da indústria do lazer (QL = 1,4). Nesse grupo encontram-se 22 capitais estaduais. As capitais que não fazem parte desse grupo são Rio de Janeiro e São Paulo, que fazem parte do *cluster 1*, e as cidades de Palmas, Campo Grande e Boa Vista que estão em outro agrupamento. No *cluster 2* também há indícios da presença concomitante de externalidades dinâmicas MAR e Jacobs. Há concentração espacial da indústria do lazer, porém, em menor escala em relação ao *cluster 1*. Essa conformação produtiva sugere a existência de polos regionais de lazer que apresentam vantagens comparativas setoriais, mas de campo de influência reduzido.

Este *cluster* também é formado por municípios com forte apelo em diferentes segmentos turísticos, como é o caso de Fortaleza-CE, Natal-RN, Fernando de Noronha-PE, Tamandaré-PE, Maragogi-AL, São Miguel dos Milagres-AL, Itacaré-BA, Ilhéus-BA, Porto Seguro-BA, Angra dos Reis-RJ, Paraty-RJ, Ilha Bela-SP, Praia Grande-SP, Guarujá-SP, Balneário do Camburiú-SC e Florianópolis-SC (turismo de sol e praia), Bom Jesus da Lapa-BA e Aparecida-SP (turismo religioso), São Cristóvão-SE, Laranjeiras-SE, Olinda-PE, Mariana-MG, Ouro Preto-MG, Brumadinho-MG e Tiradentes-MG (turismo histórico-cultural), Canindé de São Francisco-SE, Lençóis-BA, Foz do Iguaçu-PR, Santana do Riacho-MG, Chapada dos Guimarães-MT e Bonito-GO (turismo de aventura/ecoturismo). Ainda se pode destacar Canela-RS, Garibaldi-RS, Campos do Jordão-SP, Aguas de Lindoia-SP, Petrópolis-RJ e Caldas Novas-GO.

Já o *cluster 3* é formado por municípios que apresentaram, em 2010, as maiores despesas per capita em esporte e lazer (R\$ 98,09) e cultura (R\$ 71,59). Além disso, a indústria neste grupamento

pode ser caracterizada como diversificada ($IDS = 1,19$) e não concentrada ($QL=0,5$, $PR=0,00$ e $HH=0,00$). São portanto municípios sem vocação específica para a indústria do lazer, mas cujas despesas per capita em esporte e lazer colocam essas atividades em posição de relevância. Este *cluster* é formado por 401 municípios, sendo que se observa por meio da Figura 3 uma maior concentração dessas cidades, 320 (79,8%), nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. As regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte apresentaram 51 (12,7%), 22 (5,5%) e 8 (2%) cidades, respectivamente.

O *cluster* 4 apresenta a indústria do lazer diversificada ($IDS = 1,20$), não especializada e não-concentrada ($QL=0,32$, $PR=0,00$ e $HH=0,00$). Esses resultados podem ser justificados pelo baixo número de empregos neste setor. Deste modo, aqui também não há indícios empíricos da existência de externalidades dinâmicas. Este grupamento é constituído por 34 municípios, sendo que 27 (79,4%) deles estão localizados nas regiões Sul e Sudeste, 3 (8,8%) no Centro-Oeste e 4 (11,8%) nas regiões Norte e Nordeste. Este *cluster* apresenta o maior rendimento da indústria brasileira do lazer (R\$ 5.327,26), bem como o maior diferencial de renda (R\$ 4.474,68). As cidades desse conglomerado também foram as que apresentaram a maior despesa per capita em turismo (R\$ 8,41) no ano de 2010. Algumas cidades são, Bom Jesus-PI, Itaperava-MG, Monções-SP, Uniflor-PR, Frei Rogério-SC, Teutônia-RS e Rio Branco-MT. Ele se caracteriza pela presença de cidades médias e pequenas, onde o tamanho reduzido da Indústria do Lazer local associado a relativa distância das capitais/centros urbanos diversificados gerou diferenciais de renda nesse segmento e o pequeno denominador populacional gera indicadores per capita elevados.

O *cluster* 5 é o que aporta o maior número de municípios brasileiros, 4.456. Percebe-se, por meio da Tabela 5, que todas as variáveis desse grupamento, à exceção do IDS, estão abaixo da média total. Isto indica que a indústria do lazer nessas cidades é incipiente ou simplesmente inexistente.

Obviamente, os municípios brasileiros não são igualmente equipados em relação à indústria do lazer e, comparado com grandes cidades ou núcleos centrais como São Paulo e Rio de Janeiro, as localidades periféricas têm um potencial diferente tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Áreas centrais apresentam economias de escala, que as permite um maior desenvolvimento, produções mais caras e economias de escopo, o que permite a diferenciação da oferta e o desenvolvimento de produtos especializados. Portanto, quantidade e variedade estão conectados com a oferta dos grandes centros (LORENTZEN, 2013). As indústrias criativas e culturais são concentradas em grandes cidades (PRATT, 1997; SCOTT, 2005; COOKE e LAZZERETTI, 2008), o que também se observou para a indústria do lazer no Brasil.

A partir da caracterização de cada um dos *clusters* da indústria do lazer, pode-se concluir que os grupamentos mais importantes são o 1 e o 2, que compreendem 674 municípios brasileiros, ou 12,1%. Em outras palavras, essa indústria apresenta uma dinâmica econômica importante nos municípios que constituem esses dois conglomerados. Retomando a questão colocada no início deste trabalho, visamos ainda investigar se esses municípios também apresentam maiores padrões de desenvolvimento. Haja vista a composição dos agrupamentos, há indícios de que há uma correlação positiva entre desenvolvimento multidimensional e nível de atividade em setores de lazer.

Para avançar nessa investigação, a Tabela 6 relaciona a quantidade de municípios de cada *cluster* com a tipologia construída a partir do indicador de desenvolvimento municipal. As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, que constituem o *cluster* 1, apresentaram um índice de desenvolvimento "muito alto", como seria esperado. Em relação ao *cluster* 2, 66,5% (447) dos municípios que formam este grupamento apresentaram o indicador de desenvolvimento "alto" ou "muito alto", 18% (121) com "médio" desenvolvimento e apenas 15,5% (104) com o indicador "baixo" ou "muito baixo" (apenas sete municípios). À exceção de dois municípios, as cidades deste conglomerado que apresentaram os índices de desenvolvimento mais baixos estão localizadas no Norte ou Nordeste do país.

Tabela 6 - Percentual dos municípios de cada *cluster* em relação ao indicador de desenvolvimento (%)

Tipologia	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3	Cluster 4	Cluster 5
Muito baixo	-	1,0	0,7	8,8	10,9
Baixo	-	14,4	11,0	2,9	29,5
Médio	-	18,0	14,0	11,8	19,1
Alto	-	35,3	38,7	35,3	25,2
Muito alto	100	31,3	35,7	41,2	15,2
Total	100	100	100	100	100

Fonte: Elaboração própria.

É no *cluster* 5, onde a indústria do lazer é incipiente ou inexistente, que se encontra a maior parte dos municípios com o indicador de desenvolvimento "baixo" - 1.316 (29,5%) - e "muito baixo" - 487 (10,9%). Nota-se, de acordo com os dados da Tabela 6, que nos conglomerados "intermediários" (3 e 4) predominam-se municípios que apresentaram "alto" ou "muito alto" padrões de desenvolvimento. Assim, grosso modo, pode-se dizer que os *clusters* mais importantes (1 e 2) são constituídos, em sua maioria ou totalidade, por municípios que apresentaram um maior nível de desenvolvimento. Ou seja, há indícios de correlação entre o nível de atividade da indústria do lazer e o nível de desenvolvimento.

5. Considerações finais

O objetivo deste artigo foi investigar a distribuição espacial da indústria do lazer no Brasil e relacionar os resultados com um índice de desenvolvimento municipal referente ao ano de 2010. De maneira geral, percebeu-se que, assim como as Indústrias Criativa e Cultural, o complexo de lazer também se mostrou concentrado espacialmente, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro e em outros municípios localizados nas regiões Sudeste e Sul.

A Indústria do Lazer no Brasil desempenha papel mais relevante nos municípios localizados nas regiões mais ricas e desenvolvidas do país, Sul e Sudeste. Mais ainda, a maioria dos municípios que constituem os *clusters* mais importantes (1 e 2) apresentaram maiores níveis de desenvolvimento e no *cluster* 5, em que a indústria do lazer é incipiente ou inexistente, predominaram municípios com níveis menores de desenvolvimento. Esse resultado é esperado e já foi descrito na literatura sobre o tema (BORGONOV, 2004; ATECA-AMESTOY, 2008; MACHADO *et al.*, 2013) que evidencia a relação positiva entre renda, escolaridade, desenvolvimento humano e consumo de cultura.

Segundo Florida (2002), este resultado está diretamente relacionado ao perfil da mão-de-obra empregada nessa indústria. Para o autor, o diferencial da Indústria Criativa e Cultural é o "conteúdo criativo", relacionado diretamente com o talento individual e a existência de uma classe criativa e educada. A concentração espacial não apenas da Indústria Cultural e Criativa, mas do capital humano vinculado à mesma é a força regente do desenvolvimento de uma cidade na medida em que explica também a concentração espacial de atividades inovativas em essência. Pela perspectiva produtiva, pode-se dizer que a "classe criativa" possui maior nível de renda e, conseqüentemente, demanda mais serviços dessa indústria, o que por sua vez atrai a oferta de serviços de lazer para essas localidades. Ademais, a indústria do lazer incorpora ainda atividades turismo, esportes e festivais. Essas atividades fazem parte do consumo hedônico da população e são consideradas importantes amenidades urbanas e forças de atração de população, mão-de-obra e renda.

Este trabalho apresenta resultados inéditos sobre um tema que ainda não tem sido tratado no Brasil. A discussão sobre a indústria do lazer é bem recente na literatura internacional. Os resultados apresentados aqui devem ser encarados de forma exploratória e podem subsidiar a elaboração e condução de eventuais políticas públicas para o desenvolvimento deste novo segmento.

Para trabalhos futuros pretende-se analisar a dinâmica desempenhada pela indústria do lazer nos municípios brasileiros em períodos recentes. Isto pode ser feito, por exemplo, com um modelo em painel ao longo dos anos 2000.

Referências

- Ateca-Amestoy, V. Determining heterogeneous behavior for theater attendance. *Journal of Cultural Economics*, v. 32, n. 2, p. 127-151, 2008.
- Barclay, J. Predicting the costs and benefits of mega-sporting events: misjudgement of olympic proportions? *Economic Affairs*, v. 29, n. 2, p. 62-66, 2009.
- Basset, K.; Griffiths, R.; Smith, I. Cultural industries, cultural clusters and the city. The example of natural history film-making in Bristol. *Geoforum*, v. 33, n. 2, p. 165-77, 2002.
- Borgonovi, F. Performing arts attendance: an economic approach. *Applied Economics*, v. 36, n. 17, p. 1871-1885, 2004.
- Brenke, K.; Wagner, G. G. The soccer world cup in Germany: a major sporting and cultural event – but without notable business cycle effects. *DIW Berlin Weekly Report*, v. 2, n. 3, p. 23-31, 2006.
- Combes, P. P. Economic structure and local growth: France, 1984-1993. *Journal of Urban Economics*, v. 47, n. 3, p. 329-55, 2000.
- Cooke, P.; Lazzeretti, L. *Creative cities, cultural clusters and local economic development*. Cheltenham: Edward Elgar, 2008.
- Crocco, M. A.; Galinari, R.; Santos, F.; Lemos, M. B.; Simões, R. Metodologia de identificação de arranjos produtivos locais. *Nova Economia*, v. 16, n. 2, p. 211-241, 2006.
- De Propriis, L.; Chapain, C.; Cooke, P.; Macneil, S.; Mateos-Garcia, J. *The geography creativity*. London: NESTA, 2009.
- Domingues, E. P.; Betarelli Junior, A. A.; Magalhães, A. S. Quanto vale o show? impactos econômicos dos investimentos da copa do mundo de 2014 no Brasil. *Estudos Econômicos*, v. 41, n. 2, p. 409-39, 2011.
- Fávero, L. P.; Belfiore, P.; Silva, F. L.; Chan, B. L. *Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- Florida, R. *The rise of the creative class*. New York: Basic Books, 2002.
- Fochezatto, A. Desenvolvimento regional: recomendações para um novo paradigma produtivo. In: Grando, M. Z.; Teruchkin, S. U.; Faria, L. A. E. (Org.). *Três décadas de economia gaúcha - o ambiente regional*. Porto Alegre: FEE, 2010.

- Freitas, H. E. *Economias externas, atributos urbanos e produtividade: evidências a partir do nível salarial industrial das microrregiões brasileiras, 2000-2010*. 2012 (Dissertação de Mestrado), CEDEPLAR/UFMG, 2012.
- Flew, T.; Cunningham, S. Creative industries after the first decade of debate. *The Information Society*, v. 26, n. 2, p. 113-23, 2010.
- Garcia, M.; Fernandez, Y.; Zobio, J. The economic dimension of the culture and leisures industry in Spain. National, sectoral and regional analysis. *Journal Cultural Economics*, v. 27, n. 1, p. 9-30, 2003.
- Gouvêa, M. A.; La Plata, J. P. F. *Segmentos de médicos para a categoria de produtos cirúrgicos no Brasil*. In: IX SEMAD - Seminários em Administração FEA-USP, 2006, São Paulo. IX SEMEAD - Seminários em Administração FEA-USP, 2006.
- Haddad, P. R. (Org.). *Economia regional, teorias e métodos de análise*. Fortaleza: BNB/ ETENE, 1989.
- Haddad, E. A.; Haddad, P. R. Major sport events and regional development: the case of Rio de Janeiro 2016 Olympic Games. *Regional Science Policy and Practice*, v. 2, n. 1, p. 79-95, 2010.
- Hair Jr., F. F.; Anderson, R. E.; Tathan, R. L.; Black, W. C. *Análise multivariada de dados*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- Henderson, J. V.; Kuncoro, A.; Turner, M. Industrial development in cities. *Journal of Political Economy*, v. 103, n. 5, p. 1067-90, 1995.
- Howkins, J. *The creative economy*. How people make money from ideas. London: Penguin Books, 2002.
- Jenks, G. *The data model concept in statistical mapping*. International Cartographic Association ed. International Yearbook of Cartography 7, 1967
- Lazzeretti, L. *Creative industries and innovation in Europe: concepts, measures and comparative case Studies*. New York: Routledge, 2013.
- Lazzeretti, L.; Boix, R.; Capone, F. Do creative industries cluster? Mapping creative local production system in Italy and Spain. *Industry and Innovation*, v. 15, n. 5, p. 549-67, 2008.
- Lorentzen, A. Leisure, culture and experience economy as a creative strategy in the periphery: does North Denmark benefit from the experience economy? In: Lazzeretti, L. (ed.) *Creative industries and innovation in Europe: concepts, measures and comparative case Studies*. New York: Routledge, 2013.
- Lorenzen, M.; Frederiksen, L. Why do cultural industries clusters? Localization, urbanization, products and projects. In: Cooke, P.; Lazzeretti, L. (eds) *Creative cities, cultural clusters and local economic development*. Cheltenham: Edward Elgar, p.155-79, 2008.
- Machado, A. F.; Simões, R.; Diniz, S. C. Urban amenities and the development of creative clusters: the case of Brazil. *Current Urban Studies*, 2013.
- Manly, F. J. B. *Multivariate statistical methods: a primer*, 2th. ed., London: Chapman and Hall, 1994.

Mingoti, S. A. *Análise de dados através de métodos de estatística multivariada: uma abordagem aplicada*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2005.

Pratt, A. C. The cultural industries production system: A case study of employment change in Britain, 1984-91. *Environment and Planning-A*, v. 29, n. 11, p. 1953-74, 1997.

Scott, A. J. *On Hollywood. The place, the industry*, Princeton, NJ: Princeton University Press, 2005.

Swinnen, J.; Vandemoortele, T. Sports and development: an economic perspective on the impact of the 2010 World Cup in South Africa. *ICSSPE Bulletin*, v. 53, p. 1-6, 2008.